

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

**AGRICULTURA URBANA: ANÁLISE A PARTIR DE SEU POTENCIAL EM  
POLÍTICAS DE DESENVOLVIMENTO**

**CAROLINA FARACO SANTOLIN**

**FLORIANÓPOLIS  
2010**

**CAROLINA FARACO SANTOLIN**

**AGRICULTURA URBANA: ANÁLISE A PARTIR DE SEU POTENCIAL EM  
POLÍTICAS DE DESENVOLVIMENTO**

Monografia submetida ao curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito obrigatório para obtenção do grau de Bacharelado.

**Orientador: Prof. Dr. Armando de Melo Lisboa**

FLORIANÓPOLIS, 2010

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

A Banca Examinadora resolveu atribuir a nota 8,00 à aluna Carolina Faraco Santolin na disciplina CNM 5420 – Monografia, pela apresentação deste trabalho.

Banca Examinadora:

-----  
*Prof. Dr. Armando de Melo Lisboa*

-----  
*Prof. Dr. Francisco Gelinski Neto*

-----  
*Prof. Israel Montesuma Oliveira*

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família, pelo apoio durante toda minha vida acadêmica.

Ao meu orientador, professor Armando Lisboa, pela dedicação na orientação.

Aos professores que me acompanharam durante a graduação: Nildo Ouriques, Idaleto Aued, Milton Biage, João Sanson, Carmen Gelinski, Helton Ouriques, Marcos Valente, Hoyêdo Lins, Jaime Coelho, Lauro Mattei, Luiz Carlos de Carvalho Júnior, Silvio Cario e Renato Campos.

Aos produtores urbanos por terem me recebido tão gentilmente: Carmen, João, Letícia, Fernanda, Neldo e Amália.

Ao Gabriel, que possibilitou uma das visitas.

À Flori e Marilúcia, duas pessoas fundamentais durante toda a minha passagem pela UFSC.

## **RESUMO**

A agricultura urbana e periurbana, AUP, é aquela que acontece dentro das cidades e em seu entorno. A partir dela muitas famílias têm acesso a condições de vida diferenciadas, através do incremento da renda, do acesso a alimentos de qualidade e a ambientes mais limpos e saudáveis. Este trabalho busca definir e caracterizar AUP, mostrando sua relação com o aprofundamento da urbanização e com as situações limite de pobreza dos grandes centros urbanos. Por estar fortemente ligada a melhoria da qualidade de vida e a espaços que necessitam de desenvolvimento econômico e social, a agricultura urbana e periurbana acaba sendo uma das possibilidades dentro de planos de desenvolvimento. Nesta pesquisa abordaremos as características da AUP que possibilitam que ele figure nestes planos.

Palavras-chave: agricultura urbana e periurbana, urbanização, desenvolvimento sócio-econômico.

## **ABSTRACT**

The urban and peri-urban agriculture, UPA, characterizes that one that is developed in and around the cities. Because of them a lot of families are able to have differentiated life conditions, throughout the income increase, the access to quality aliments and cleaner and healthier environments. This research aims to define and characterize the UPA, showing its connection with the urban widening and with the huge urban centers poorness limit situations. Because of its strong lace with the life quality improvement and with the areas that need social and economic development, the urban and peri-urban agriculture ends up being one of the possibilities inside the development plans. In this research we will approach the UPA characteristics that enable it figure inside these plans.

Key-words: urban and peri-urban agriculture, urbanization, social economic development.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 01.....	25
FIGURA 02.....	27
FIGURA 03.....	28
FIGURA 04.....	29
FIGURA 05.....	30
FIGURA 06.....	31

# SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
1.1 Tema e problema.....	8
1.2 Objetivos.....	10
1.3 Justificativa.....	10
1.4 Metodologia.....	11
2 AGRICULTURA URBANA E PERIURBANA.....	13
2.1 Definição.....	13
2.2 Características.....	14
3 URBANIZAÇÃO, DESENVOLVIMENTO E AGRICULTURA URBANA.....	18
3.1 A urbanização caótica dos países da periferia do sistema capitalista.....	18
3.2 Agricultura urbana e seu papel no desenvolvimento.....	21
4 AGRICULTURA URBANA EM FLORIANÓPOLIS.....	24
4.1 Horta residencial no bairro Saco Grande.....	24
4.2 Horta residencial no bairro Pantanal.....	26
4.3 Creche da APAM.....	27
4.4 Seara Espírita Entrepasto da Fé (SEEDE).....	29
5 CONCLUSÃO.....	32
REFERÊNCIAS.....	34

# 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho iniciou com o objetivo de estudarmos a agricultura familiar. Logo nas primeiras pesquisas, entretanto, nos deparamos com o conceito “agricultura urbana e periurbana”. Totalmente nova para nós, essa idéia pareceu, em um primeiro momento, até contraditória. Tínhamos a imagem de agricultura como uma prática de ambientes rurais, em extensões razoáveis de terra. Mas, o estudo que começamos a empreender desmistificou esta idéia e mostrou o potencial de práticas como a agricultura urbana para a promoção do desenvolvimento social.

Este trabalho irá apresentar as principais idéias do debate que tem surgido acerca da ocorrência de agricultura em espaços urbanos e periurbanos, caracterizando seu funcionamento e observando sua ligação com as questões espaciais e sócio-econômicas.

Esta monografia será dividida em 5 seções além desta introdução. Nesta, apresentaremos o tema e apontaremos o que nos leva a problematizá-lo. Além disso, listaremos nossos objetivos e justificaremos a escolha do objeto.

O desenvolvimento será composto de quatro seções. A seção dois tratará do método do estudo. Na terceira, tentaremos, a partir da literatura estudada, definir agricultura urbana e periurbana (AUP) e levantar suas principais características. A quarta seção objetivará compreender a ligação da AUP com o processo de urbanização e suas possíveis potencialidades na promoção do desenvolvimento social. Na última seção do desenvolvimento apontaremos exemplos de AUP em Florianópolis.

Por fim, na sexta seção encerramos este trabalho apresentando as conclusões às quais fomos remetidos.

## 1.1 Tema e problema

A ocorrência de agricultura em zonas urbanas não é um processo recente. Entretanto, só recentemente tem se tornado objeto de estudos em todo o mundo. O aprofundamento do processo

de urbanização e das relações capitalistas de produção tem sujeitado, especialmente as áreas periféricas, à pobreza e desigualdade. De acordo com documento publicado em conjunto pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) e pelo Centro de Recursos em Agricultura Urbana e Segurança Alimentar (RUAF), “na América Latina, a expansão urbana tem gerado uma crescente insegurança alimentar nas cidades e em sua periferia, particularmente entre os setores populacionais vítimas da pobreza e da extrema pobreza” (FAO; MDS; IPES; RUAF). Neste contexto a agricultura urbana e periurbana aparece como estratégia de sobrevivência para grande parte da população.

Nesta monografia estudaremos, embasados nos trabalhos disponíveis, as características da agricultura urbana, buscando os traços que a diferenciam da agricultura praticada no campo e suas ligações com a estrutura sócio-econômica dos grandes centros e da periferia.

Quando falamos em agricultura, automaticamente visualizamos um espaço rural e grandes extensões de terra. Pensar em produção agrícola dentro de espaços urbanos, em áreas reduzidas, por vezes inclusive dentro de pequenos recipientes em apartamentos, requer um esforço de proposição de novas variáveis analíticas. Este esforço é feito por muitos pesquisadores da AUP.

Alguns estudos (MACHADO; MACHADO, 2002; ZEEUW; GÜNDEL; WAIBEL, 2000; CABANNES; DUBBELING, 2000; CEPAGRO, 2009) têm sido dedicados a tentar definir e caracterizar com mais precisão as relações de produção em meio urbano para, com isso, suscitar, por parte dos governos, políticas de apoio aos casos de AUP. Estas políticas visariam o desenvolvimento sócio-econômico, pois,

*durante la primera mitad de este siglo, a medida que la población mundial aumente hasta alcanzar los 9000 millones de personas aproximadamente, la demanda mundial de alimentos, piensos y fibras casi se duplicará y al mismo tiempo, cada vez más, los cultivos podrían también usarse para producir bioenergía y para otros fines industriales. La demanda nueva y tradicional de productos agrícolas, por consiguiente, acarreará una presión creciente sobre los ya escasos recursos agrícolas. Y mientras que la agricultura se verá obligada a competir por la tierra y el agua con los núcleos urbanos en expansión, también tendrá que ser de utilidad en otros grandes frentes: la adaptación al cambio climático y la contribución a su mitigación, la ayuda para conservar los hábitat naturales, la protección de especies en peligro de extinción y el mantenimiento de un alto nivel de biodiversidad. Como si eso no fuera suficientemente difícil, en la mayoría de las regiones menos personas vivirán en las zonas rurales y un número incluso menor se dedicará a la agricultura. Serán precisas nuevas tecnologías para producir más en una superficie menor de tierra, con menos manos (FAO, 2010).*

## 1.2 Objetivos

Neste trabalho buscaremos compreender o que é agricultura urbana e periurbana, levantando suas principais características. Para isso, além de termos realizado revisão da literatura pertinente, fomos a campo observar como alguns processos de AUP ocorrem em Florianópolis.

Nosso objetivo geral é, portanto, traçar as principais características da agricultura urbana e periurbana (AUP) e estudar seu potencial na promoção do desenvolvimento sócio-econômico, lançando um olhar aos exemplos da grande Florianópolis. Mais especificamente, objetivamos:

- i) descrever qualitativamente agricultura urbana e periurbana;
- ii) compreender o debate que relaciona o aprofundamento da urbanização e das relações capitalistas com a AUP;
- iii) estudar as possibilidades da AUP dentro da promoção do desenvolvimento sócio-econômico
- iv) observar os exemplo de AUP dentro de Florianópolis.

## 1.3 Justificativa

Nos últimos anos, em todo o mundo, aumentou consideravelmente a quantidade de pessoas vivendo em grandes centros urbanos. Esse processo de urbanização, na maioria dos casos ocorre de forma desordenada. Junte-se a isso o aumento da pobreza e da desigualdade, e o que teremos serão grupos inteiros sem acesso a condições mínimas de reprodução da existência. Uma destas condições é o acesso a alimentos de qualidade. É neste contexto que aparece a agricultura urbana, pois,

a prática da agricultura urbana que compreende o exercício de diversas atividades relacionadas à produção de alimentos e conservação dos recursos naturais dentro dos centros urbanos ou em suas respectivas periferias, surge como estratégia de

fornecimento de alimentos, de geração de empregos, além de contribuir para a segurança alimentar e melhoria da nutrição dos habitantes da cidade. (MACHADO; MACHADO, 2002, p. 7)

Este trabalho buscará estudar a dinâmica destes processos. Ele será defendido para obtenção de aprovação na disciplina CNM 5420 (Monografia) do Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Catarina.

De acordo com Marshall *apud* Mankiw, “economia é um estudo da humanidade nas atividades comuns da vida”. De acordo com esta definição, esta monografia enquadra-se dentro do espectro de temas que compõem a ciência econômica, pois, estaremos estudando a dinâmica social (humanidade) a partir de produção material da vida (atividade comum da vida), sempre mantendo a perspectiva de que a produção material e a dinâmica social mantêm, entre si, uma relação dialética.

## 1.4 Metodologia

Quando começamos este trabalho tínhamos o intuito de estudar a agricultura familiar. Entretanto, o interesse pelo tema da agricultura urbana foi surgindo por estarmos frequentemente nos deparando com ele nas primeiras leituras realizadas. Além do interesse pela discussão, o fato de podermos estar próximos de exemplos reais (já que para isso, no caso da agricultura familiar, teríamos que viajar para regiões rurais) nos fez decidir pela mudança do tema.

O trabalho começa então com uma revisão da literatura. A maior parte dos documentos que tratam do assunto são artigos. Não há ainda muitos livros que abordam especificamente agricultura urbana. Os artigos são, em sua maioria, eletrônicos. Há vários sites com bastante material a respeito de AUP. A Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (*Food and Agriculture Organization - FAO*) e o Centro de Recursos em Agricultura Urbana e Segurança Alimentar (*Resource Centres on Urban Agriculture and Food Security – RUAF*) são referências importantes. O RUAF mantém uma publicação *online* sobre o assunto: a “Revista de Agricultura Urbana”.

Tivemos também a oportunidade de participar de um minicurso intitulado “Agricultura Urbana Agroecológica – Cultivo em Pequenos Espaços” oferecido pelo Laboratório de Educação do Campo e Estudos da Reforma Agrária (LECERA) da Universidade Federal de Santa Catarina, ocorrido durante a Semana de Pesquisa e Extensão (SEPEX) da mesma instituição. Esta experiência foi importante para que pudéssemos aprofundar a discussão e conhecer outras iniciativas de produção agroecológica em ambientes urbanos.

Já nas últimas etapas da pesquisa fomos conhecer o trabalho do Centro de Estudos e Promoção da Agricultura de Grupo (CEPAGRO) localizado no Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Santa Catarina. Lá obtivemos explicações sobre casos que o CEPAGRO apóia na Grande Florianópolis: a comunidade do bairro Monte Cristo, e algumas escolas da Rede Municipal de Ensino.

Para melhorar nosso estudo, fomos verificar casos concretos em Florianópolis, tentando identificar neles as características mais comuns, do movimento de produção agrícola nos centros urbanos. Quatro foram as experiências visitadas: uma creche, uma instituição espírita e duas residências. Pudemos, desta forma, observar como espaços e relações sociais são criados e recriados através de pequenas plantações.

O espaço ideal para estudarmos agricultura urbana e periurbana com pesquisa de campo seria uma região metropolitana, o que não é o caso de Florianópolis. Entretanto duas foram as razões que nos fizeram optar por Florianópolis. A primeira está relacionada com a dimensão do trabalho. Este é uma monografia confeccionada no prazo de um semestre, que, portanto, não nos permite separar o tempo que a pesquisa de campo iria requerer. Em segundo lugar, nossa análise dos casos de Florianópolis teve apenas finalidade ilustrativa e não estatística. Assim, não seria necessário nos atermos a questões de amostragem, como a pertinência da região escolhida.

## 2 AGRICULTURA URBANA E PERIURBANA

Esta seção objetiva descrever qualitativamente agricultura urbana e periurbana. Na primeira subseção trabalharemos com a definição de AUP e na segunda apontaremos as suas principais características.

### 2.1 Definição

A maioria das cidades, especialmente as grandes cidades, é tomada por construções e pavimentações em todas as direções. Muitas vezes torna-se difícil encontrar nestes espaços sinais de vida além da dos seres humanos que por ali transitam. Em muitos lugares não há nem mesmo uma árvore ou um pequeno animal.

Há, todavia, vários locais nos quais a vida brota em meio aos conturbados centros urbanos. Pequenas hortas em quintais, árvores em avenidas, plantas em varandas, parques, enfim. Em muitos espaços são cultivadas plantas e criados animais, quebrando a monotonia da paisagem das cidades.

Quando espaços com animais e plantas são cultivados periodicamente, podemos classificar o que acontece como agricultura urbana (caso ocorra dentro da cidade) ou periurbana (quando se dá em seus entornos).

[Agricultura urbana] consiste na produção e beneficiamento, de forma segura, de produtos agrícolas (hortaliças, frutas, plantas medicinais, ornamentais) e pecuários (animais de pequeno, médio e grande porte).

Esses produtos são utilizados para o consumo próprio, trocas, doações e/ou comercialização, e (re)aproveitam, de forma eficiente e sustentável, os recursos e insumos locais (solo, água, resíduos, mão de obra, saberes, etc)

A prática da agricultura urbana acontece no espaço urbano, como quintais, lotes vagos, áreas verdes/vazios urbanos, áreas institucionais, terrenos arrendados ou emprestados, etc (CEPAGRO, 2009, p. 17).

Agricultura urbana e periurbana (AUP), desta forma, abarca uma grande quantidade de situações: hortas em quintais e em telhados (os chamados telhados verdes), árvores em parques,

canteiros em varandas, cultivo de plantas medicinais, pequenos vasos dentro de apartamentos, e até mesmo plantações de tamanho um pouco mais considerável, onde parte da produção é doada, trocada ou comercializada.

Praticar agricultura dentro ou em volta das cidades e metrópoles – AGRICULTURA URBANA e peri-urbana – é um fenômeno em expansão, particularmente nos países em desenvolvimento onde os sistemas urbanos de suprimento de alimentos não são acessíveis a toda a população. Os moradores urbanos estão cada vez mais suplementando sua alimentação diária e reforçando seus orçamentos domésticos ao cultivarem seus próprios alimentos, onde for possível. (site do CEPAGRO)

Ao discutir o conceito de AUP, Mougeot formula um conceito menos ligado ao espaço e mais ligado ao tipo de interação com os elementos espaciais. O autor ressalta que a agricultura urbana é aquela que está integrada ao “ecossistema urbano”<sup>1</sup>.

[...] A agricultura urbana é praticada dentro (intra-urbana) ou na periferia (periurbana) dos centros urbanos (sejam eles pequenas localidades, cidades ou até megalópoles), onde cultiva, produz, cria, processa e distribui uma variedade de produtos alimentícios e não alimentícios, (re)utiliza largamente os recursos humanos e materiais e os produtos e serviços encontrados dentro e em torno da área urbana, e por sua vez, oferece recursos humanos e materiais, produtos e serviços para uma mesma área urbana. (MOUGEOT, 2000, sem paginação )

## 2.2 Características

De acordo com documento sobre agricultura urbana publicado pela Embrapa de Brasília, em 1996 a prática de AUP já envolvia 800 milhões de pessoas em todo o mundo (MACHADO; MACHADO, 2002).

A AUP pode trazer diversos benefícios nos locais onde é praticada. Em primeiro lugar ela serve de fonte de renda para milhares de pessoas em todos o mundo. E mesmo quando os agricultores não comercializam a produção, conseguem poupar boa parte de sua renda deixando de comprar diversos produtos que necessitariam.

---

<sup>1</sup> “A característica principal da agricultura urbana, que a distingue decisivamente da agricultura rural, é sua integração no sistema econômico e ecológico urbano (que será chamado, a seguir, de ‘ecossistema’ urbano). (MOUGEOT, 2000, sem paginação)

Na América Latina, a expansão urbana tem gerado uma crescente insegurança alimentar nas cidades e em sua periferia, particularmente entre os setores populacionais vítimas da pobreza e da extrema pobreza. A situação é crítica por causa da alta volatilidade nos preços dos alimentos e do impacto da recessão econômica e do desemprego. **É importante notar que os pobres gastam mais de 50% de seus rendimentos para comprar os alimentos de que precisam** [grifo nosso] (FAO; MDS; IPES; RUAF, sem paginação)

Em artigo publicado na “Revista de Agricultura Urbana” sobre Segurança Alimentar Urbana, Drescher, Jacobi e Amend, citando um documento da FAO, nos lembram da dimensão de alimentos necessárias para prover uma grande cidade:

Atualmente para alimentar uma cidade desse tamanho – por exemplo Tóquio, São Paulo ou a Cidade do México – é necessário importar pelo menos 6.000 toneladas de comida por dia (FAO – SOFA 1998). (FAO 1998 apud DRESCHER; JACOBI; AMEND, 2000, sem paginação).

Além disso, a insegurança com relação aos produtos necessários para uma nutrição com qualidade<sup>2</sup>, faz com que muitas pessoas decidam plantar uma parcela destes produtos. Esta insegurança, de acordo com os autores, está ligada à disponibilidade de alimentos, poder aquisitivo que propicie o acesso aos alimentos, e à própria qualidade destes produtos.

A globalização da crise econômica, o rápido crescimento da população, a migração do campo para a cidade, a deterioração das economias nacionais e as persistentes dificuldades econômicas são condições prévias para o início da atividade de produção de alimentos nas cidades em muitos países em desenvolvimento. Porém a produção urbana de alimentos teria uma importância muito menor se não existisse a escassez de oportunidades adequadas e acessíveis para obter renda e uma demanda não satisfeita de produtos agrícolas – em quantidades suficientes e de qualidade adequada nas cidades. (DRESCHER; JACOBI; AMEND, 2000, sem paginação).

É importante também citarmos que a AUP auxilia no enverdecimento das cidades e na manutenção do meio ambiente. A maior parte das plantações urbanas são orgânicas e seus

---

<sup>2</sup> De acordo com o Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, a segurança alimentar e nutricional “consiste na realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras da saúde, que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis.

Situações de insegurança alimentar e nutricional podem ser detectadas a partir de diferentes tipos de problemas: fome, obesidade, doenças associadas à má alimentação e consumo de alimentos de qualidade duvidosa ou prejudicial à saúde.

A produção predatória de alimentos em relação ao ambiente, os preços abusivos e a imposição de padrões alimentares que não respeitem a diversidade cultural também são provocadores de insegurança alimentar”. (<http://www.planalto.gov.br/consea/static/apresenta/seguranca.htm>)

resíduos costumam ser reaproveitados na própria plantação, através do processo de compostagem dos dejetos orgânicos. Além disso, o ar e a água tornam-se também mais limpos.

Muitos argumentam que a agricultura urbana é inerentemente mais propensa à biodiversidade do que a agricultura rural moderna por que [sic] é mais sustentável, depende menos de insumos químicos e é menos nociva biologicamente. A agricultura urbana é praticada em áreas menores e geralmente apresenta uma mistura de cultivos mais diversificada e integrada. (SMIT, 2000, sem paginação).

Smit, em artigo publicado na “Revista de Agricultura Urbana”, discute a importância da AUP como possível ferramenta de um desenvolvimento sustentável das cidades. Assim, mostra as vantagens da prática para o meio ambiente e para os envolvidos na produção e demais habitantes dos meios urbanos. Lembra, entretanto, que se mal praticada, a agricultura urbana pode ter resultados deletérios para o meio ambiente.

Na escala das grandes cidades, a agricultura urbana limpa o ar e devolve o carbono ao solo. Colabora com os microclimas, conserva os recursos hídricos urbanos (em alguns casos, pois pode degradá-los em outros), e mantém uma superfície permeável entre o ar e o solo. [...] Na escala das pequenas comunidades, a agricultura urbana pode melhorar a “paisagem vital”, porém também pode, se mal praticada, contaminar o ambiente e debilitar a saúde humana. (SMIT, 2000, sem paginação)

Por fim, gostaríamos de ressaltar que já são diversos os exemplos de AUP pelo mundo, pela América Latina e no Brasil. Na cidade de Ahmedabad, Índia, existe um interessante caso de agricultura urbana comunitária descrito por Marulanda em artigo publicado na “Revista de Agricultura Urbana”. Na América Latina existem experiências estudadas em Havana (Cuba), El Alto (Bolívia), Antioquia, Bogotá, Medellín e Cartagena (Colômbia), Quito (Equador), Moreno (Argentina), Lima (Peru). No Brasil destacamos as experiências de Curitiba, onde “cerca de 8 mil agricultores urbanos e 6 mil estudantes cultivam alimentos em 1.280 hortas que ocupam mais de 200 ha de solos urbanos que chegam a produzir mais de 4.100 toneladas de alimentos por ano” (FAO; MDS; IPES; RUAF, sem paginação) e de Belo Horizonte, que “integrou a AUP em sua política de segurança alimentar e no ordenamento territorial e uso do solo urbano” (FAO; MDS; IPES; RUAF, sem paginação).

No entanto, estas iniciativas que citamos são apenas para registrar a existência de algumas das experiências que têm sido estudadas e acompanhadas. Inúmeros são os casos de AUP

no Brasil, na América Latina e no Mundo. Nesta pesquisa, por exemplo, lançaremos um pequeno olhar ao caso de Florianópolis.

### **3 URBANIZAÇÃO, DESENVOLVIMENTO E AGRICULTURA URBANA**

Nesta seção, no primeiro tópico, observaremos o movimento da AUP a partir do aprofundamento do processo de urbanização das cidades. Num segundo momento estudaremos os papéis que a agricultura urbana pode desempenhar dentro de uma estratégia de desenvolvimento sócio-econômico.

#### **3.1 A urbanização caótica dos países da periferia do sistema capitalista**

Seu estilo de vida urbano também leva para as grandes cidades do Terceiro Mundo numerosos elementos de estratégias de subsistência rural, desde a criação de animais domésticos até a importância do parentesco, das redes étnicas e comunitárias, e de uma solidariedade entre amigos e vizinhos que é indispensável à sobrevivência onde a renda individual é extremamente baixa. (BOTTOMORE; OUTHWAITE, ano, p.785)

De acordo com o “Dicionário do Pensamento Social do Século XX” o processo de urbanização dos países industrializados: “[...] é o efeito de dois fenômenos distintos: movimento para as cidades, ou seja, migração das áreas rurais para as urbanas, e taxas mais elevadas de crescimento demográfico natural entre a população urbana do que entre a população rural” (BOTTOMORE; OUTHWAITE, p.782). Diz ainda que em países desenvolvidos, o primeiro movimento é responsável por quase todo o processo de urbanização, ao passo que em países subdesenvolvidos, o crescimento demográfico desempenha também um forte papel:

Nesses países [subdesenvolvidos], além da irreprimível migração para as cidades de gigantescas massas expelidas do campo pela agricultura extensiva de *plantation*, a concorrência internacional e a crescente pressão pela racionalização da lavoura, há ainda o efeito de elevadas taxas de natalidade urbana e das condições de higiene e saúde geral nas cidades, as quais, embora muito inferiores aos níveis médios dos países desenvolvidos, são superiores às do campo e se refletem nos acentuados aumentos em

termos de probabilidades e expectativas de vida. (BOTTOMORE; OUTHWAITE, p. 785)

Os autores citam, também, dois fenômenos que caracterizam o urbanismo em países subdesenvolvidos: distribuição desigual de renda e trabalho informal.

O urbanismo em países subdesenvolvidos é caracterizado por dois fenômenos muito salientes. O primeiro consiste na acentuada e incontável polarização entre um número limitado de camadas de média e alta renda, que desfrutam de condições de vida semelhantes às das camadas mais abastadas dos países industrializados e de serviços fornecidos por uma população disponível para trabalho muito mal pago, e uma enorme e heterogênea população com renda monetária extremamente baixa. O segundo fenômeno é formado pelas estratégias de sobrevivência desse segundo grupo, vivendo em sua maioria em condições miseráveis, barracos e cortiços, em terrenos ocupados ilegalmente e trabalhando no chamado setor informal: um misto de serviços, artesanato e camelotagem, mão-de-obra não qualificada para a construção civil, trabalhos domésticos e outras atividades legais e ilegais. (BOTTOMORE; OUTHWAITE, p. 785)

De acordo com Milton Santos, inclusive a estrutura espacial da cidade contribui para a manutenção da pobreza:

A cidade em si, como relação social e como materialidade, torna-se criadora de pobreza, tanto pelo modelo sócio-econômico, de que é o suporte, como por sua estrutura física, que faz dos habitantes das periferias (e dos cortiços) pessoas ainda mais pobres. A pobreza não é apenas o fato do modelo sócio-econômico vigente, mas também do modelo espacial. (SANTOS, 2005, p. 10)

Em documento publicado pela Embrapa, constata-se que:

a urbanização influencia todos os aspectos da produção e consumo de alimentos. Aspectos específicos relacionados com a urbanização tais como: rápido crescimento populacional, recessão econômica e políticas de ajustamento estrutural que têm reduzido as despesas do governo e diminuído as oportunidades de emprego, têm contribuído para aumentar o número de pessoas na faixa de miséria absoluta (MACHADO; MACHADO, 2002, p. 18).

E não são somente problemas econômicos que assolam os grandes centros. A degradação do meio ambiente, provocada pelas formas de produção características de áreas muito urbanizadas também são questões a serem resolvidas por políticas de desenvolvimento.

A “pegada” urbana de uma cidade é um indicador que se refere mais à natureza da economia e ao nosso estilo de vida do que ao número de residentes nela. Estimativas realizadas na época da Cúpula da Terra (Rio), em 1992, revelaram que 75% dos

recursos naturais que colhemos do solo e extraímos das minas da Terra são embarcados em caminhões, trens e navios e transportados para apenas 2,5% da superfície da Terra, que correspondem á soma das áreas metropolitanas do mundo. Quando chegam ao seu destino, 80% desses recursos se convertem rapidamente em dejetos. (SMIT, 2000, sem paginação).

Podemos identificar neste desordenado processo de urbanização que sofreram os países da periferia consequências graves para a sociedade. O aumento da pobreza e da desigualdade são os problemas que sobressaem, entretanto, a falta de acesso a alimentos de qualidade e a ambientes livres de poluição, também são problemas que podem ser facilmente identificados. Estes problemas todos só tendem a se agravar, caso não haja, por parte dos governos, a preocupação com a formulação de políticas de cunho social.

O grau de urbanização brasileiro, entretanto, é ainda motivo de controvérsias. De acordo com Milton Santos “os primeiros dados do Recenseamento de 1991 permitem considerar uma taxa de urbanização em torno de 75%”(SANTOS, 2005, p. 129). Documentos produzidos por várias organizações sobre a agricultura urbana também trabalham com elevadas taxa de urbanização. A cartilha redigida pela FAO, MDS e RUAF calcula como pouco maior que 80% a taxa de urbanização da América Latina em 2010. O Cepagro, baseado em dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>3</sup>, diz que “atualmente, 80% da população brasileira vive nas cidades [...] (CEPAGRO, p.15)”.

Mas há quem critique o método de cálculo destas elevadas taxas. José Eli da Veiga mostra que:

o entendimento do processo de urbanização do Brasil é atrapalhado por uma regra que é única no mundo. O país considera urbana toda sede de município (cidade) e de distrito (vila), sejam quais forem suas características estruturais ou funcionais. O caso extremo está no Rio Grande do Sul, onde a sede do município União da Serra é uma “cidade” na qual o Censo Demográfico de 2.000 só encontrou 18 habitantes (VEIGA, 2004, p. 8).

Veiga acrescenta que este caso, de União da Serra, não configura uma exceção, e que na verdade, há muitas sedes de municípios que estariam na mesma situação:

---

<sup>3</sup> O último censo do IBGE, realizado no ano 2000, calcula como resultado da amostra, que 137.925.238 pessoas habitariam ambientes urbanos, e somente 31.947.618 estariam em áreas rurais.

Nada grave se fosse extravagante exceção. No entanto, é absurdo supor que se trate de algumas poucas aberrações, incapazes de atrapalhar a análise da configuração territorial brasileira. De um total de 5.507 sedes de município existentes em 2000, havia 1.176 com menos de 2 mil habitantes, 3.887 com menos de 10 mil, e 4.642 com menos de 20.000, todas com estatuto legal de cidade idêntico ao que é atribuído aos inconfundíveis núcleos que formam as regiões metropolitanas, ou que constituem evidentes centros urbanos regionais. E todas as pessoas que residem em sedes, inclusive em ínfimas sedes distritais, são oficialmente contadas como urbanas, alimentando esse desatino segundo o qual o grau de urbanização do Brasil teria atingido 81,2% em 2000. (VEIGA, 2004, p. 8)

Políticas públicas visando o desenvolvimento sócio-econômico se fazem extremamente necessárias, especialmente nestas áreas fortemente urbanizadas. Mas, para que elas sejam efetivas, é necessário também instrumentos de análise que colaborem para as decisões de como e onde agir. Nesse sentido, a definição de quais centros são urbanizados, ainda que seja tarefa árdua, é imprescindível para que as políticas desenvolvidas tenham sucesso em sua execução. Importante ressaltar que não estamos sugerindo aqui que se faça uma análise dicotômica da estrutura espacial do Brasil: rural e urbano, que há muito já vem sendo superada em diversos debates, mas sim, que seja dada maior atenção aos critérios utilizados na mensuração de variáveis tão importantes.

### **3.2 Agricultura urbana e seu papel no desenvolvimento**

Conforme apresentamos na seção anterior, a urbanização brasileira, a exemplo das ocorridas nos demais países da periferia do sistema capitalista, legou à parte da população pobreza e condições insatisfatórias de vida.

A agricultura urbana, como temos também demonstrado neste estudo, cumpre diversos papéis importantes dentro da estrutura das cidades. Geração de renda, acesso a alimentos com baixo custo e de qualidade, suporte para pessoas normalmente deixadas à margem do mercado de trabalho formal (como é o caso de muitas mulheres) e manutenção do meio ambiente.

Como muitas pessoas que cultivam dentro das cidades conseguem vender parte da produção, a AUP passa a gerar uma parte da renda destas famílias. Além disso, muitos produtores conseguem agregar valor através da transformação dos produtos cultivados (fazendo geléias,

compotas, etc). Mesmo nos casos em que a produção não é comercializada, boa parte da renda pode ser poupada com o consumo dos alimentos cultivados.

Além das questões econômicas, a AUP propicia a seus participantes, acesso à alimentos de qualidade, sem agrotóxicos e aditivos químicos, e frescos. Estes aspectos são de enorme valia para a segurança alimentar de muitas famílias.

Muitas pessoas que não conseguiriam emprego facilmente no mercado formal, por estarem sendo marginalizadas na sociedade (tal qual muitas mulheres), encontram na agricultura uma possibilidade de geração de renda que permite inclusive o acúmulo de outros trabalhos (como, no exemplo citado, a criação dos filhos).

A agricultura urbana e periurbana também contribui para o meio ambiente. O simples aumento da quantidade de plantas dentro dos espaços urbanos já propicia maior limpeza do ar e das águas. Ademais, a quebra de cadeias alimentares (o que gera várias infestações dentro das cidades) pode ser restaurada. Os dejetos gerados pelo consumo de alimentos e pela própria produção, também são reaproveitados, evitando o acúmulo de lixo no ambiente.

Todas estas características potencializam as estruturas de AUP como auxiliares no desenvolvimento sócio-econômico. Mas para isso é necessário que o governo comece a estabelecer medidas no sentido de promover as iniciativas de AUP.

“Em termos de sua contribuição para o desenvolvimento, a agricultura urbana aumenta a segurança alimentar, gera renda adicional e emprego para os residentes urbanos pobres e de classe média, e contribui para um ambiente urbano ecologicamente saudável” (ZEEUW; GÜNDEL; WAIBEL, 2000, sem paginação).

Entretanto, “o acesso aos recursos da terra e água, assim como a segurança dos direitos dos usuários e o nível de preços dos lotes de terra são fatores cruciais para o desenvolvimento da agricultura urbana” (ZEEUW; GÜNDEL; WAIBEL, 2000, sem paginação). Por isso mesmo são necessárias políticas de uso do solo, de segurança alimentar urbana, de saúde, ambientais e de desenvolvimento social.

ZEEUW, GÜNDEL e WAIBEL escrevem um importante artigo na “Revista de Agricultura Urbana” apontando algumas destas políticas. Com relação ao uso do solo o importante é que os planejadores aceitem a AUP e passem a incluí-la em planos de zoneamento. O acesso a áreas que habitualmente encontram-se inutilizadas (os vazios urbanos) é essencial.

A segurança alimentar é um outro aspecto que deve ser enfatizado através da capacitação dos agricultores urbanos (para que estes consigam manter produções orgânicas e reaproveitem os dejetos gerados) e do suporte aos sistemas de comercialização de produtos.

É necessário que as cidades desenvolvam planos para aumentar a produção local, urbana e periurbana, de alimentos e se tornem mais independentes do modelo agrícola-alimentar tipo “supermercado”, altamente capitalizado e intensivo em energia, agrotóxicos e recursos importados (ZEEUW; GÜNDEL; WAIBEL, 2000, sem paginação).

ZEEUW, GÜNDEL e WAIBEL ressaltam que “uma das desvantagens da agricultura urbana se relaciona com os seus efeitos potencialmente negativos sobre a saúde humana” (ZEEUW; GÜNDEL; WAIBEL, 2000, sem paginação). Entre estes podemos citar: atração de roedores, mosquitos, contaminação de plantios com metais pesados, etc. É necessários que os formuladores de políticas públicas visem a educação de produtores e consumidores e o acompanhamento das técnicas utilizadas na AUP, tentando através destas medidas evitar tais efeitos deletérios.

Praticamente no mesmo sentido do acompanhamento de efeitos indesejados de AUP vão as políticas que objetivam garantir a sustentabilidade destas práticas em termos de utilização do meio ambiente. A reciclagem dos dejetos através de compostagem e o investimento em sistemas de coleta e armazenamento de água da chuva são algumas das importantes estratégias citadas pelos autores do artigo.

Por fim é importante ressaltar que a agricultura urbana e periurbana pelo tipo de comércio a que normalmente se vincula (de feiras e pequenos mercados) e pela própria estrutura produtiva, acaba criando maior coesão social. Em muitos casos as pessoas conversam diretamente com o produtor dos seus alimentos e diversas iniciativas possuem estrutura coletiva de trabalho.

Gostaríamos de ressaltar ainda que cabe aos administradores públicos analisar quais são as medidas necessárias em cada caso. O que os autores levantam são aspectos gerais que não necessariamente enquadram-se em todas as situações.

Mas o que se observa é que “só muito raramente os projetos de agricultura urbana são integrados ao planejamento urbano em geral” (ZEEUW; GÜNDEL; WAIBEL, 2000, sem paginação).

## **4 AGRICULTURA URBANA EM FLORIANÓPOLIS**

Nesta seção apresentaremos algumas experiências de AUP em Florianópolis. Nossa intenção com esta pequena pesquisa de campo foi observar mais de perto um pouco do que tem sido discutido ao longo da monografia.

Quatro foram os locais visitados: uma creche nas Areias do Campeche, uma instituição que realiza trabalho social no bairro Monte Verde e duas residências (uma situada no Pantanal e outra no Saco Grande).

Muitos dos elementos até então pesquisados estavam presentes nestes locais. Tivemos ainda a sorte de encontrar quatro situações bem diferentes e que nos propiciaram aprender muito sobre diversos tipos de plantas e sobre estratégias de cultivo no interior de cidades.

### **4.1 Horta residencial no bairro Saco Grande**

Hortas residenciais são, talvez, o exemplo, mais simples de agricultura urbana. Entretanto é nestas que é realizada a maior parte da produção dentro das cidades. Muitas famílias possuem pequenos canteiros e jardins com alimentos – além de plantas ornamentais e terapêuticas – sendo cultivados.

A residência que visitamos para observar este tipo de AUP fica localizada no bairro Saco Grande. Lá o casal de proprietários trabalha com diversos produtos que servem de consumo para a família. São cultivados: salsinha, cebolinha, alho, alface, cenoura, rúcula, aipim, banana, entre outras. Além disso, plantas ornamentais enfeitam a frente do quintal.

Quando perguntamos ao proprietário por que ele havia decidido produzir em um ambiente urbano, este nos respondeu que na ocasião em que adquiriu a propriedade, a região onde moram estava muito longe da cidade. Era uma área praticamente rural, com vizinhos distantes e quase todos produziam algum tipo de alimento. Atualmente existe um conjunto de prédios da administração do Estado quase em frente a sua casa e no terreno ao lado um prédio será construído. Podemos perceber, então, a modificação que ocorreu rapidamente na região.

Muitos casos de agricultura urbana são resultado de urbanização em áreas que há pouco tempo eram praticamente rurais. Assim, as pessoas que habitam estas regiões apenas tentam continuar mantendo as rotinas a que se acostumaram. É claro que o espaço ao ser recriado transforma boa parte destas rotinas, mas, muitas ainda se mantêm influenciando também no espaço. No caso que estamos analisando, a permanência destas rotinas a despeito da alteração espacial, faz com que tenhamos áreas mais verdes dentro das cidades, influenciando desta maneira o espaço.

A produção é toda orgânica e é realizada compostagem, reaproveitando-se, assim, o que em muitas residências é tratado como lixo. A produção não é comercializada nem trocada. Apenas uma parte vai para a casa dos filhos que já constituíram família.

Quando perguntamos há quanto tempo eles plantavam a resposta veio acompanhada de uma risada: “a vida toda”.



FIGURA 01 – Horta residência no bairro Saco Grande

## 4.2 Horta residencial no bairro Pantanal

Além da residência no Saco Grande, visitamos uma horta em uma residência no bairro Pantanal. Apesar de se tratar também de experiência residencial, os proprietários cultivam plantas ornamentais e medicinais e quase nenhum alimento. As mudas são vendidas, trocadas e doadas.

O casal já teve plantações de alimentos, mas atualmente trabalham somente com as plantas medicinais e ornamentais.

O agricultor é filho de agricultores e foi criado em região rural. Este é um dos motivos que o leva a produzir atualmente, embora ele ressalte que o ato de plantar desempenha uma função terapêutica em sua vida. O trabalho já é realizado há 13 anos.

Ao contrário das outras situações com as quais nos deparamos neste estudo, estes agricultores já participaram de uma rede de economia solidária, sendo inclusive uns dos fundadores da mesma. Apesar de a rede não funcionar mais, eles afirmam que estão à espera de outra oportunidade para trabalharem em redes de economia solidária.

O agricultor, além de produzir em sua residência trabalho junto ao Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI) da Universidade Federal de Santa Catarina, ministrando aulas de educação ambiental para crianças de até 6 anos de idade.

A produção é totalmente orgânica e é realizado o processo de compostagem, fechando assim o ciclo de produtos da terra. Há também dois minhocários na residência.



FIGURA 02 – Horta residencial no bairro Pantanal

### 4.3 Creche da APAM

A primeira experiência que tivemos a oportunidade de conhecer foi a da Creche da Apam nas Areias do Campeche. Lá existe um projeto de uma pequena horta didática que teve origem em 2005.

O objetivo maior do projeto é educacional. De acordo com a coordenadora da instituição, eles visam os benefícios que o contato com a terra pode trazer para a formação das crianças. Por isso, além das 20 pessoas (entre professores e funcionários) que estão diretamente envolvidas com a produção, há também a ajuda das 50 crianças que frequentam a creche.

Por ser uma horta pequena pouca coisa é aproveitada na merenda. As crianças aprendem a semear, transplantar as mudas, acompanhar o crescimento das plantas e trabalhar com a compostagem dos resíduos orgânicos.

Nenhum veneno ou aditivo químico é adicionado na produção. Além disso, o óleo vegetal utilizado na creche e nas casas das famílias é recolhido pela instituição e encaminhado para reciclagem.

Todo esse projeto é financiado pela prefeitura, que apóia, além desta, outras instituições de ensino municipais. A creche conta também com o apoio do Cepagro. Os membros do Centro visitam periodicamente a escola e fornecem suporte técnico para as atividades. O óleo recolhido, por exemplo, é transformado em combustível de máquinas agrícolas em uma outra iniciativa do Cepagro, a Rede Ecovida. Parte produção destes locais onde as máquinas são utilizadas retorna às escolas orientadas pelo Cepagro na forma de merenda. Desta forma o Centro contribui para a criação de estruturas mais solidárias de comércio.



FIGURA 03 – Horta na Creche da APAM



FIGURA 04 – Local para recolhimento do óleo que será reciclado na creche da APAM

#### **4.4 Seara espírita entreposto da fé (SEEDE)**

Outra iniciativa visitada foi a da Seara Espírita Entreposto da Fé conhecida como SEEDE e localizada no alto do bairro Monte Cristo.

Neste espaço um importante trabalho social é realizado. Crianças da comunidade participam de oficinas no contra-turno (período contrário ao do que frequentam as aulas na escola). O projeto é denominado Profem – Programa de Formação Ético/Moral. Uma das atividades deste programa é a oficina de educação ambiental, realizada em uma grande horta.

É em meio a um terreno arenoso, nada propício para a plantação que a professora da oficina se esforça com enormes quantidades de composto (boa parte doada pela Universidade

Federal de Santa Catarina, já que a compostagem realizada na instituição não é suficiente para adubar toda a plantação) para fazer surgir uma grande variedade de alimentos.

O trabalho existe há oito anos, mas no início a SEEDE lidava apenas com recuperação de viciados em drogas. A horta surgiu neste primeiro momento como parte da terapia destas pessoas. Mas, atualmente, somente as crianças utilizam o espaço.

Além de servir de base para as aulas de educação ambiental, a plantação também vai diretamente para a merenda da instituição. Isto é de extrema importância na nutrição das crianças, pois, a produção é totalmente orgânica. Ademais, a professora nos informou que muitos alunos passaram a consumir mais vegetais após começarem a participar do cultivo.

Quando há excedentes na horta - além do que é utilizado na merenda - estes são doados para famílias dos alunos.



FIGURA 05 – Horta da SEEDE



FIGURA 06 – Crianças brincando na oficina de educação ambiental da SEEDE

## 5 CONCLUSÃO

Quando iniciamos este estudo não possuíamos a menor noção do debate que existia acerca de práticas agrícolas dentro e ao redor das cidades. Conforme a pesquisa ia evoluindo, ficávamos cada vez mais impressionados com as possibilidades de (re)construção da vida urbana que a AUP enseja.

A possibilidade de reprodução da vida deve estar ligada a critérios de sustentabilidade, para que as gerações vindouras tenham também condições de se reproduzirem. A AUP, se corretamente praticada, torna-se um exemplo de sustentabilidade.

Não estamos concluindo que a pratica de agricultura urbana e periurbana seja superior às práticas rurais. É apenas uma outra possibilidade de fornecimentos de alimentos, já que este, com o aumento da população total e a diminuição da população agrícola, tende cada vez mais a diminuir. A agricultura urbana é identificada, inclusive, por muitos autores como complementar à rural, fornecendo para as cidades os alimentos mais perecíveis.

Acreditamos termos conseguido demonstrar que a AUP pode, em muito aspectos, auxiliar nos projetos de desenvolvimento, especialmente os locais. É claro que para isso os governos teriam que incentivar os projetos através da formulação de políticas específicas.

No caso de Florianópolis, desde 2006 acontece um movimento intitulado “Plano Diretor Participativo”. Neste a população participaria da formulação do Plano Diretor Urbano. O projeto está em vias de ser concluído, portanto, alguns documentos já esboçam as linhas gerais do que foi formulado, mas nada é definitivo ainda.

Ao estudarmos estes documentos percebemos que a AUP ainda não é tema do planejamento urbano em Florianópolis. Apenas algumas propostas aproximam-se do que poderia contribuir, em termos de política pública. Entre elas temos:

- i) ampliação das áreas verdes
- ii) fomento à educação ambiental
- iii) garantia de áreas para uso rural e de outras atividades primárias

De acordo com o que pesquisamos, Florianópolis não parece ser exceção no Brasil. Falta ainda, por parte dos governos, inclusão de políticas de fomento à AUP em seu planos diretores. Acreditamos, entretanto, que para que isso aconteça, a população também terá que se conscientizar dos benefícios destas ações.

Este trabalho reforça em nós a idéia de que o desenvolvimento econômico só é válido se for acompanhado do desenvolvimento social e ambientalmente sustentável.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Daniela. Agricultura urbana e segurança alimentar em Belo Horizonte: cultivando uma cidade sustentável. **Agriculturas**, v. 1, n. 0, 2004. Disponível em: <<http://www.rede-mg.org.br/index.php?iid=24&p=2&sid=67>>. Acesso em: 26 setembro 2010.
- BONCODIN, R.; CAMPILAN, D.; PRAIN, G. A dinâmica das hortas caseiras tropicais. **Revista de Agricultura Urbana**, n.1, 2000. Disponível em: <[http://www.ipes.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=89&Itemid=100](http://www.ipes.org/index.php?option=com_content&view=article&id=89&Itemid=100)>. Acesso em: 30 agosto 2010.
- BOTTOMOTE, T.; OUTHWAITE, W. **Dicionário do Pensamento Social do Século XX**. Cidade: Jorge Zahar, ano. paginas.
- CABANNES, Y; DUBBELING, M. A agricultura urbana como estratégia para o desenvolvimento municipal sustentável. **Revista de Agricultura Urbana**, n.1, 2000. Disponível em: <[http://www.ipes.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=89&Itemid=100](http://www.ipes.org/index.php?option=com_content&view=article&id=89&Itemid=100)>. Acesso em: 30 agosto 2010.
- CEPAGRO. **Cartilha de Agricultura urbana**. Florianópolis, 2009.
- DRESCHER, A. W.; JACOBI, P.; AMEND, J. Segurança alimentar urbana: agricultura urbana, uma resposta á crise? **Revista de Agricultura Urbana**, n.1, 2000. Disponível em: <[http://www.ipes.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=89&Itemid=100](http://www.ipes.org/index.php?option=com_content&view=article&id=89&Itemid=100)>. Acesso em: 30 agosto 2010.
- FAO; MDS; IPES; RUAUF. **Agricultura urbana e periurbana na América Latina e no Caribe: uma realidade**. Disponível em: <<http://www.rlc.fao.org/es/agricultura/aup/pdf/brochurpr.pdf>>. Acesso em 1 novembro 2010.
- FAO. **Cómo alimentar al mundo en 2050**. Disponível em: <<http://www.fao.org/wsfs/forum2050/wsfs-forum/es/>>. Acesso em 06 novembro 2010.
- INSTITUTO DE PLANEJAMENTO URBANO DE FLORIANÓPOLIS. **Diretrizes sínteses: plano diretor participativo Florianópolis**. Disponível em: <

[http://portal.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/21\\_12\\_2009\\_15.18.49.5626f2361b384d5e821c15d64f2de0b3.pdf](http://portal.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/21_12_2009_15.18.49.5626f2361b384d5e821c15d64f2de0b3.pdf)>. Acesso em: 07 novembro 2010.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990. 261 p.

MACHADO, Altair Toledo; MACHADO, Cynthia Torres de Toledo. **Agricultura urbana**. 1. ed. Planaltina: Embrapa, 2002. 25 p.

MANKIW, N. G. **Introdução à economia**: princípios de micro e macroeconomia. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2001. 831 p.

MARULANDA, L. O enverdecimento da cidade de Ahmedabad, Índia: um modelo inovador de silvicultura urbana comunitária. **Revista de Agricultura Urbana**, n.1, 2000. Disponível em: <[http://www.ipes.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=89&Itemid=100](http://www.ipes.org/index.php?option=com_content&view=article&id=89&Itemid=100)>. Acesso em: 30 agosto 2010.

MOUGEOT, L. J. A. Agricultura urbana: conceito e definição. **Revista de Agricultura Urbana**, n.1, 2000. Disponível em: <[http://www.ipes.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=89&Itemid=100](http://www.ipes.org/index.php?option=com_content&view=article&id=89&Itemid=100)>. Acesso em: 30 agosto 2010.

REDE DE INTERCÂMBIO DE TECNOLOGIAS ALTERNATIVAS, IPES. **Panorama da agricultura urbana e periurbana no Brasil e Diretrizes para sua promoção**: identificação e caracterização de iniciativas de AUP em regiões metropolitanas brasileiras. Disponível em: <<http://www.rede-mg.org.br/index.php?iid=24&p=2&sid=67>>. Acesso em: 26 novembro 2010.

REVISTA DE AGRICULTURA URBANA, n.1, 2000. Disponível em: <[http://www.ipes.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=89&Itemid=100](http://www.ipes.org/index.php?option=com_content&view=article&id=89&Itemid=100)>. Acesso em: 30 agosto 2010.

SANDRONI, Paulo. **Novíssimo Dicionário de Economia**. 14. ed. São Paulo: Best Seller, 2004. 649 p.

SANTANDREU, Alain; LOVO, Ivana Cristina. **Panorama da agricultura urbana e periurbana no Brasil e diretrizes políticas para sua promoção**. Belo Horizonte: IPES/FUAF, 2007. Disponível em: [www.rede-mg.org.br](http://www.rede-mg.org.br). Acesso em: 26 setembro 2010.

SANTOS, Milton A **Urbanização Brasileira**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2005. 176 p.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. 118 p.

SILVESTRO, Milton Luiz *et alii*. **Os Impasses Sociais da Sucessão Hereditária na Agricultura Familiar**. Florianópolis: Epagri; Brasília: Nead / Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2001. 102p.

SMIT, J. Agricultura urbana e biodiversidade: urbanização e redução da biodiversidade. **Revista de Agricultura Urbana**, n.1, 2000. Disponível em:  
<[http://www.ipes.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=89&Itemid=100](http://www.ipes.org/index.php?option=com_content&view=article&id=89&Itemid=100)>.  
Acesso em: 30 agosto 2010.

VEIGA, José Eli da. A Dimensão Rural do Brasil. In: Programa de Seminários Acadêmicos, 4, 2004, São Paulo. 22 p.

VEIGA, José Eli da. **Cidades Imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2003. 302 p.

ZEEUW, H. de; GÜNDEL, S.; WAIBEL, H. A integração da agricultura urbana nas políticas públicas. **Revista de Agricultura Urbana**, n.1, 2000. Disponível em:  
<[http://www.ipes.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=89&Itemid=100](http://www.ipes.org/index.php?option=com_content&view=article&id=89&Itemid=100)>.  
Acesso em: 30 agosto 2010.